10

UM LUGAR QUE VIVE EM NÓS: CINEMA, JUVENTUDES E CARTOGRAFIAS SENSÍVEIS EM SÃO PEDRO

Nathan Moretto Guzzo Fernandes1
Janete Magalhães Carvalho2

A PLACE THAT LIVES IN US: cinema, youth, and sensitive cartographies in são pedro

Resumo:

Este relato de experiência analisa a criação do documentário São Pedro por Elas, desenvolvido com estudantes do Ensino Médio de uma escola pública da região da Grande São Pedro, em Vitória (ES). Fundamentado na filosofia da diferença e nos estudos sobre cinema e educação, o trabalho compreende o cinema como uma experiência sensível capaz de ampliar processos de aprendizagem, criação e participação coletiva. Metodologicamente, a pesquisa foi conduzida por meio da cartografia e das redes de conversação, acompanhando os processos de produção audiovisual realizados pelos estudantes no contexto de uma disciplina eletiva de cinema. A experiência evidenciou a potência do cinema na produção de cartografias afetivas do território, possibilitando que as juventudes narrassem seus pertencimentos, memórias e modos de habitar o lugar. Ao tensionar narrativas estigmatizantes historicamente associadas à região, o documentário contribuiu para a produção de outras imagens sobre São Pedro, afirmando a multiplicidade de vidas, histórias e experiências que constituem o lugar.

Palavras-chave: Cinema e educação. Juventudes. Cartografia. Lugar.

Abstract:

This experience report analyzes the creation of the documentary São Pedro por Elas (São Pedro by Them), developed with high school students from a public school located in the the Greater São Pedro region in Vitória, Espírito Santo. Grounded in the philosophy of difference and in studies on cinema and education, the work understands cinema as a sensitive experience capable of expanding learning processes, creativity, and collective participation. Methodologically, the research was conducted through cartography and conversation networks, following the audiovisual creation processes carried out by students within an elective cinema course. The experience highlighted the potential of cinema in producing affective cartographies of territory, enabling young people to narrate their senses of belonging, memories, and ways of inhabiting place. By challenging stigmatizing narratives historically associated with the region, the documentary contributed to the production of alternative images of São Pedro, affirming the multiplicity of lives, stories, and experiences that constitute the place.

Keywords: *Cinema and Education. Youth. Cartography. Place.*

1 INTRODUÇÃO OU ABRINDO JANELAS PARA O SENSÍVEL

Lugar como uma sempre-mutante constelação de trajetórias. (Massey, 2012, p. 215)

Em um contexto histórico marcado pela intensificação de práticas sociais individualizantes, pela ampliação de discursos conservadores e pela crescente mercantilização da educação, torna-se urgente pensar experiências educativas comprometidas com

1.Doutorando e mestre em Educação (PPGE/UFES), com bolsa de doutorado CAPES (Código de Financiamento 001). Professor de Geografia na rede estadual de ensino (SEDU/ES). E-mail: nathanmoretto1@hotmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9541-9370.
2.Pós-Doutorado em Educação, Professora Titular e Professora Voluntaria no PPGE-UFES. E-mail: janetemc@terra.com.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9906-2911.

a ampliação das sensibilidades, com a criação coletiva e com a constituição de espaços democráticos de convivência. Nesse cenário, a aproximação entre cinema e educação emerge como possibilidade de produção de outros modos de sentir, pensar e habitar o cotidiano escolar, favorecendo experiências formativas que ultrapassam modelos pedagógicos centrados exclusivamente na transmissão de conteúdos e na lógica da *performance* escolar.

Partindo dessa compreensão, o presente relato de experiência insere-se no campo das pesquisas que investigam as relações entre cinema, currículo e educação, assumindo a arte cinematográfica como potência ético-política-estética capaz de movimentar processos de subjetivação e de criação coletiva no cotidiano escolar. Inspirado na perspectiva da educação do sensível, o trabalho compreende o cinema não apenas como recurso didático, mas como experiência sensível capaz de redimensionar os limites do visível, do audível e do pensável, produzindo deslocamentos nos modos tradicionais do ensinar e aprender.

A pesquisa que fundamenta esta experiência3 parte da defesa de uma educação entendida como experiência político-poética de criação de encantamentos. Conforme argumentam Simas e Rufino (2020), o contrário da vida não é a morte, mas o desencanto. Por isso, pensar práticas educativas comprometidas com a expansão da potência da vida implica criar condições para o surgimento de experiências sensíveis compartilhadas, capazes de favorecer encontros, alteridades e novas formas de produção do comum.

Nesse contexto, a filosofia da diferença constitui o principal horizonte teórico do estudo. Dialogando especialmente com Gilles Deleuze, Félix Guattari, Jacques Rancière, Virgínia Kastrup, Doreen Massey, Ailton Krenak e Janete Carvalho, compreende-se que os processos educativos não se reduzem à transmissão de conhecimentos consolidados, mas envolvem a criação de condições para o surgimento de experiências inventivas, atravessadas por afetos, encontros e acontecimentos. Tal perspectiva desloca o foco da aprendizagem como reprodução do já conhecido para a aprendizagem como invenção, experimentação e produção de novos sentidos.

Nessa direção, a noção de partilha do sensível, desenvolvida por Rancière (2009), assume papel central. Para o autor, toda comunidade produz formas específicas de organização do que pode ser visto, ouvido, pensado e dito. Assim, práticas educativas que mobilizam o cinema podem contribuir para reconfigurar essa partilha, ampliando a visibilidade de sujeitos, experiências e narrativas historicamente marginalizadas. O cinema passa, então, a funcionar como dispositivo que favorece a emergência de novos modos de existência e de participação em um comum.

A experiência relatada foi desenvolvida em uma escola pública estadual localizada no bairro Ilha das Caieiras, na capital do estado do Espírito Santo, Vitória (ES), envolvendo 20 estudantes do segundo e terceiro anos do Ensino Médio. O território investigado caracteriza-se como espaço marcado por fortes vínculos comunitários, pela presença de tradições culturais populares e, simultaneamente, por processos históricos de desigualdade social próprios das periferias urbanas brasileiras. Considera-se que tais características atravessam diretamente os modos de viver, aprender e produzir cultura dos jovens participantes da pesquisa.

Metodologicamente, o trabalho fundamentou-se na cartografia proposta por Deleuze e Guattari e sistematizada por Passos, Kastrup e Escóssia (2015). Diferentemente das abordagens que buscam representar objetos previamente definidos, a cartografia acompanha processos em curso, procurando mapear forças, afetos e movimentos que emergem na experiência investigada. Nessa perspectiva, a pesquisa assume caráter qualitativo, interventivo e processual, compreendendo conhecimento e transformação como dimensões inseparáveis.

Como técnica principal de acompanhamento do campo, foram utilizadas as redes de conversação (Carvalho, 2009), entendidas como espaços coletivos de produção de sentidos e de ampliação da participação democrática. As conversações realizadas entre estudantes e professor-pesquisador possibilitaram a construção compartilhada de reflexões sobre as experiências cinematográficas, favorecendo a emergência de questões relacionadas aos afetos, às identidades, aos currículos vividos e às formas de convivência produzidas no cotidiano escolar.

3.Este breve relato de experiência deriva da pesquisa desenvolvida na tese de doutorado de Nathan Moretto Guzzo Fernandes, intitulada Criações com cinema: potências do sensível na educação (2026), constituindo um recorte de uma investigação mais ampla sobre as potências do cinema na educação.

Paralelamente, foram empregados dispositivos de criação audiovisual inspirados nas proposições de Migliorin (2015) e nas experiências contemporâneas de cinema na educação. Os dispositivos consistiram em propostas de experimentação audiovisual baseadas em regras simples, capazes de produzir deslocamentos sensíveis e criar condições para a invenção coletiva. Entre as atividades desenvolvidas estiveram oficinas de produção de vídeos, filmes-carta, experiências com animação, exercícios de observação do cotidiano escolar e produções audiovisuais realizadas colaborativamente pelos estudantes.

O universo da pesquisa compreendeu estudantes matriculados no Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Elza Lemos Andreatta. O recorte analisado concentrou-se nos participantes de uma disciplina eletiva de cinema e as oficinas de criação com cinema realizadas durante o ano de 2024, envolvendo especialmente grupos de adolescentes interessados em experimentações audiovisuais e produções coletivas. Tal escolha justifica-se pela intencionalidade de acompanhar processos de criação curricular produzidos na interseção entre juventudes, escola e cinema.

Dessa forma, o objetivo deste relato consiste em analisar como as experiências de criação audiovisual desenvolvidas com estudantes do Ensino Médio contribuíram para a produção de aprendizagens sensíveis, processos de subjetivação e criações curriculares coletivas, evidenciando as potencialidades do cinema como prática educativa comprometida com a ampliação da experiência democrática, da invenção e da constituição de comunidades de aprendizagem.

Ao defender o cinema como força capaz de mobilizar afetos, produzir encontros e criar espaços de experimentação coletiva, este trabalho busca contribuir para os debates sobre educação, currículo e formação humana, evidenciando que a escola pode tornar-se um território fértil para a criação de novos modos de existir, aprender e sonhar coletivamente.

2 DESLOCAR O OLHAR, CONHECER O LUGAR

São Pedro não é apenas um território geográfico, é um emaranhado de trajetórias, memórias e afetos. Como nos ensina a geógrafa Doreen Massey (2012), os lugares são feitos dos encontros entre múltiplas histórias que acontecem simultaneamente, sempre abertas a novos sentidos e devires.

2.1 NARRATIVAS, FILMES E DISPUTA DE IMAGENS SOBRE UM TERRITÓRIO

A experiência desenvolvida na eletiva de cinema partiu da necessidade de problematizar os modos pelos quais determinados territórios são narrados e representados socialmente. Inserida na região da Grande São Pedro, em Vitória (ES), a escola encontra-se atravessada por discursos que historicamente associam a região à pobreza, ao lixo e à marginalidade. Tais representações não surgem espontaneamente, mas são produzidas e reiteradas por diferentes dispositivos sociais, midiáticos e institucionais.

Ao refletir sobre os regimes de verdade que sustentam determinadas formas de enxergar os sujeitos e os territórios, Foucault (2008) afirma que os enunciados circulam em redes discursivas, tornando-se mecanismos de legitimação de determinados modos de compreender a realidade. Nesse sentido, os discursos que reduzem São Pedro à pobreza não expressam apenas opiniões individuais, mas integram uma maquinaria muito mais ampla de produção de sentidos.

Essa problemática apareceu de forma contundente nas experiências vividas pelos estudantes. Em diversos momentos das conversações surgiam relatos sobre preconceitos enfrentados fora da comunidade. Um dos estudantes sintetizou essa situação ao afirmar:

"Quando eu vou fazer entrevista de emprego, as pessoas dos outros bairros acham que a gente convive com rato e que comemos lixo".

Esse enunciado evidencia aquilo que Simonetti e Alves (2014) identificam como os efeitos de determinadas imagens sobre os sujeitos filmados e os territórios representados. Ao longo das décadas, o documentário *Lugar de Toda Pobreza* (1983), clássico do cinema estadual, consolidou-se como uma importante denúncia das condições de vida existentes na região na década de oitenta. Entretanto, ao enfatizar exclusivamente a pobreza e o lixo, acabou produzindo também uma narrativa que, em determinados contextos, passou a cristalizar uma identidade única para o território.

Não se trata de desconsiderar a relevância histórica da obra. Conforme destacam Ferreira Neto e Nunes (2012), o documentário desencadeou processos de mobilização social e atraiu atenção pública para a situação vivida pelos moradores. Contudo, como afirmam Simonetti e Alves (2014), a permanência exclusiva dessa narrativa produz efeitos reducionistas ao apresentar São Pedro como um espaço definido apenas pela falta e pela carência.

Diante desse cenário, a eletiva assumiu como desafio produzir outras imagens do lugar. Não imagens idealizadas, mas narrativas capazes de ampliar a compreensão sobre a vida existente na região. Ao invés de reafirmar estigmas, buscou-se abrir espaço para que os próprios estudantes falassem sobre os lugares que habitam, os afetos que experimentam e as histórias que consideram importantes.

Nesse movimento, a proposição de Ailton Krenak (2022) tornou-se fundamental. Para o autor, a educação precisa possibilitar experiências de pertencimento ao mundo, permitindo que os sujeitos compreendam a si mesmos como parte de uma ampla rede de relações.

> A presença dos outros seres não apenas se soma à paisagem do lugar que habito, como modifica o mundo. Essa potência de se perceber pertencendo a um todo e podendo modificar o mundo poderia ser uma boa ideia de educação (Krenak, 2022, p. 103).

Foi justamente essa perspectiva que orientou a produção de *São Pedro por Elas*[4].

2.2 SÃO PEDRO POR ELAS: A CRIAÇÃO DE UMA CARTOGRAFIA AFETIVA DO LUGAR

Antes mesmo de as câmeras serem ligadas, *São Pedro por Elas* já começava a ser tecido nas conversações estabelecidas durante a eletiva. A proposta nasceu após assistirmos e discutirmos coletivamente os documentários "Lugar que Vive em Mim" e "Muito Mais que Paraíso", produções que apresentam a região de São Pedro a partir das memórias, dos afetos e das experiências de seus moradores. As conversações realizadas após as exibições evidenciaram certo incômodo dos estudantes com as representações externas que frequentemente associavam o território apenas à pobreza, à violência ou ao antigo lixão. Ao mesmo tempo, emergia o desejo de apresentar outras imagens da comunidade, narradas por quem efetivamente a habita.

Figura 1 – Capa do filme "São Pedro Por Elas".

Fonte: Acervo do pesquisador, 2024.

Foi nesse contexto que surgiu a ideia de produzir dois documentários curtos: um dedicado às memórias dos moradores mais antigos, especialmente avós e lideranças comunitárias, e outro voltado às experiências das juventudes locais. Os roteiros foram construídos coletivamente durante as oficinas, por meio de redes de conversação, exercícios de memória e elaboração de perguntas que buscavam menos investigar fatos objetivos e mais dar visibilidade aos afetos, pertencimentos e modos singulares de viver São Pedro. O objetivo não era produzir um documentário sobre o bairro, mas criar condições para que os estudantes narrassem o lugar a partir de suas próprias experiências, constituindo aquilo que Carvalho (2009) denomina uma rede de produção coletiva de sentidos e aquilo que Krenak (2022) compreende como uma percepção de pertencimento ao mundo.

O filme nasceu em 2024, durante as primeiras experiências da eletiva com o cinema. Inicialmente, havia a intenção de produzir dois documentários distintos: um baseado nas memórias dos moradores mais antigos e outro centrado nas experiências juvenis dos estudantes. Entretanto, como frequentemente ocorre em processos cartográficos, os caminhos planejados foram atravessados por acontecimentos inesperados.

Na manhã destinada às gravações, os avós e antigos moradores que participariam do primeiro filme não puderam comparecer. Entre gripes, problemas de

4.Este trabalho seguiu rigorosamente os padrões éticos em pesquisa e no uso de imagens com adolescentes para fins educativos, culturais e científicos, contando com autorizações da SEDU/ES, da EEEFM Elza Lemos Andreatta, dos responsáveis e dos alunos envolvidos, com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 76039723.1.0000.5542).

saúde e imprevistos familiares, os personagens centrais daquele roteiro desapareceram.

A resposta dos estudantes foi imediata:

"A gente faz o outro, o dos jovens".

A aparente simplicidade dessa frase revela uma característica central da cartografia enquanto método de pesquisa-intervenção. Conforme Passos, Kastrup e Escóssia (2015), a cartografia não se estrutura sobre metas rígidas e previamente definidas, ela acompanha os movimentos e os acontecimentos que emergem no percurso enxergando, neles, uma oportunidade.

Foi exatamente o que ocorreu naquele sábado.

A partir das limitações impostas pelo contexto, os estudantes reorganizaram o trabalho e passaram a pensar coletivamente quais lugares mereciam ser registrados. Surgiram então múltiplas sugestões:

"Vamos na igrejinha".

"Não, melhor a orla".

"Eu gosto daqui da escola".

"A quadra".

"A área verde do colégio".

"O corredor".

As escolhas não obedeciam a critérios turísticos ou patrimoniais. Elas eram guiadas pelos afetos. Os espaços selecionados apareciam porque faziam parte das experiências vividas pelos participantes.

Figura 2 – Processo de criação: "São Pedro Por Elas".

Fonte: Acervo do pesquisador, 2024.

Gradualmente, o filme foi assumindo a forma de uma cartografia afetiva. Ao caminharem pela escola, pelas ruas e pelos espaços da comunidade, os estudantes produziam narrativas sobre si mesmos e sobre o lugar onde vivem.

A pergunta disparadora do dispositivo audiovisual era simples:

"Qual o lugar que você gosta de estar em São Pedro? "

Contudo, como ocorre nas redes de conversação descritas por Carvalho (2009), uma pergunta nunca produz apenas uma resposta. Ao contrário, gera deslocamentos, memórias, novas questões e outros enunciados.

Por isso, ao longo das gravações, surgiram novas perguntas:

"Você conhece alguma lenda sobre São Pedro? "

"Você deseja fazer faculdade? "

"Você pretende continuar morando aqui? "

O bairro deixava de ser apenas cenário para tornar-se experiência.

Nesse processo, o filme produziu aquilo que Oliveira Jr. (2005) denomina geografia do cinema. Não se tratava de representar um território previamente existente, mas de produzir novas formas de habitar e significar aquele espaço por meio das imagens.

2.3 APRENDÊNCIAS, JUVENTUDES E PRODUÇÃO DO COMUM

Outro aspecto significativo da experiência foi a forma como a própria organização do filme provocou discussões sobre participação, representatividade e produção coletiva.

Em determinado momento, alguns dos meninos do grupo manifestaram o desejo de aparecer mais nas gravações. A questão foi debatida pelos próprios estudantes. Após uma conversa coletiva, decidiu-se que o filme manteria foco principal nas narrativas femininas.

A decisão ocorreu sem conflitos significativos e permitiu que as jovens assumissem centralidade na construção da narrativa.

Figura 3 – Processo de criação: "São Pedro Por Elas"

Fonte: Acervo do pesquisador, 2024.

Esse movimento evidencia aquilo que Rancière (2009) denomina reconfiguração da partilha do sensível. Ao ocuparem a cena e narrarem suas próprias experiências, as estudantes produzem visibilidades que frequentemente permanecem ausentes ou secundarizadas em outros espaços sociais.

Mais do que um documentário sobre São Pedro, o filme tornou-se uma experiência de elaboração coletiva de sentidos.

Ao caminhar pelas ruas, entrevistar colegas, escolher enquadramentos e registrar lugares significativos, os estudantes criaram condições para que novos modos de pertencimento emergissem.

A experiência também rompeu com a lógica produtivista frequentemente associada às práticas escolares. O objetivo nunca foi produzir uma obra perfeita ou tecnicamente sofisticada. O valor do processo estava justamente nos encontros, nas conversas, nos desvios, nas improvisações, nas aprendizagens que só podem acontecer quando estamos juntos.

Isso se tornou particularmente evidente na cena final da filmagem. Quando as gravações já estavam praticamente encerradas, um estudante sugeriu filmar um urubu que observava o bairro de cima de um poste.

Aquilo que poderia parecer apenas uma brincadeira transformou-se em uma longa conversa sobre os animais do território, suas perspectivas e suas relações com a paisagem.

"Ele é quem melhor conhece São Pedro, vê tudo lá de cima".

Alguém já preparava o celular para captar a imagem quando o animal, sem consultar a equipe de direção, abriu as asas e voou, foi embora.

Pouco depois, outro estudante complementou:

> Se a gente procurar caranguejo a gente acha, no manguezal tem um monte. Eles andam colados no chão, conhecem melhor o terreno do que qualquer um de nós.

A cena constitui uma síntese potente daquilo que Krenak (2022) propõe ao defender a ampliação das formas de pertencimento ao mundo. O território deixa de ser concebido apenas a partir dos humanos e passa a incluir outros seres, outras existências e outras maneiras de habitar o espaço.

Nesse sentido, *São Pedro por Elas* não resultou apenas em um documentário. Produziu uma experiência de aprendência, entendida como abertura para encontros, deslocamentos e criações coletivas.

Como escreve Krenak,

> o sussurro [das águas] desce pelas pedras e forma corredeiras que fazem música e, nessa hora, a pedra e a água nos implicam de maneira tão maravilhosa que nos permitem conjugar o nós: nós-rio, nós-montanhas, nós-terra (Krenak, 2022, p. 14).

Naquela manhã, talvez pudéssemos acrescentar: nós-bairro, nós-escola, nós-São Pedro e, por que não, nós-urubu, nós-caranguejo.

Ao final, o filme inicialmente planejado não foi realizado. Os avós não participaram das gravações. O roteiro inicial precisou ser abandonado. O segundo roteiro, recriado. O urubu recusou a carreira artística. Entretanto, como mostra a própria experiência, aquilo que em um olhar desatento poderia sugerir fracasso, converteu-se em potência.

Os estudantes produziram suas próprias narrativas sobre São Pedro, tensionando discursos estigmatizantes e criando imagens que afirmam a multiplicidade de vidas existentes na comunidade. Como sugere Krenak (2022), a vida é movimento, rio e travessia. O cinema, naquele contexto, tornou-se justamente isso: uma forma de seguir fluindo, inventando outros caminhos possíveis

para a escola, para os currículos e para os modos de narrar o mundo.

O documentário *São Pedro por Elas*, material empírico analisado neste estudo, pode ser acessado por meio do repositório digital disponibilizado pelos autores e/ou pelo *QR Code*: https://youtu.be/d6nOZwtE7G0 .

3 CONSIDERAÇÕES FLUTUANTES

Ao longo deste relato de experiência, buscamos acompanhar os movimentos produzidos pela criação do documentário *São Pedro por Elas* no contexto da eletiva de cinema, desenvolvida com estudantes do Ensino Médio de uma escola pública da região da região da Grande São Pedro, em Vitória (ES). Mais do que apresentar um produto audiovisual ou descrever uma sequência de atividades, procuramos dar visibilidade aos processos de criação, às conversações, aos encontros e às aprendizagens que emergiram na relação entre cinema, território e juventudes.

Figura 4 – Print Screen: "São Pedro Por Elas".

Fonte: Acervo do pesquisador, 2024.

A experiência evidenciou que trabalhar com cinema na escola não se reduz à utilização de filmes como recursos para transmissão de conteúdo. Ao contrário, as experimentações realizadas permitiram compreender o cinema como uma prática de criação coletiva capaz de movimentar afetos, produzir deslocamentos nos modos de perceber o lugar e ampliar as possibilidades de participação dos estudantes na construção de narrativas sobre si e sobre o mundo. Nesse sentido, a experiência reafirma a potência do cinema como experiência ética, estética e política comprometida com a invenção de outros modos de existir e de aprender juntos.

Ao acompanharmos os processos de construção do documentário, observamos que as imagens produzidas pelos estudantes passaram a disputar sentidos sobre a região de São Pedro. Em um contexto marcado pela persistência de representações que associam o território quase exclusivamente à pobreza, ao lixo e à violência, o filme abriu espaço para que outras histórias viessem à tona. Não se tratou de negar os problemas sociais historicamente vividos pela comunidade, mas de afirmar que eles não esgotam a complexidade do lugar nem dos seres que o habitam. As imagens produzidas pelas estudantes evidenciaram vínculos, memórias, desejos, pertencimentos e afetos que frequentemente permanecem invisibilizados nos discursos predominantes.

Nessa direção, a experiência aproximou-se daquilo que Rancière (2009) denomina reconfiguração da partilha do sensível, ao tornar visíveis narrativas que raramente ocupam os espaços de circulação legitimados socialmente. Ao falarem sobre os lugares de que gostam, sobre suas expectativas de futuro e sobre suas formas de habitar a comunidade, as jovens produziram uma cartografia afetiva do lugar que desafia representações cristalizadas e amplia os modos de perceber São Pedro.

Também se mostrou significativa a compreensão de que os processos de criação não acontecem apesar dos imprevistos, mas frequentemente por meio deles. O filme planejado inicialmente não foi realizado da maneira prevista. O roteiro precisou ser reformulado e novos caminhos emergiram durante as filmagens. Contudo, foi justamente nessa abertura ao acontecimento que surgiram algumas das experiências mais potentes do percurso. Tal movimento reafirma a contribuição da cartografia enquanto metodologia comprometida com o acompanhamento dos processos em curso,

reconhecendo o caráter imprevisível, inventivo e relacional da experiência educativa.

Outro aspecto relevante refere-se à força das redes de conversação na constituição dos currículos vividos. As conversas que atravessaram a produção do filme produziram deslocamentos, memórias e aprendizagens que extrapolaram os limites da atividade audiovisual. Em muitos momentos, o que estava em jogo não era apenas a construção de uma narrativa cinematográfica, mas a criação de condições para que os estudantes elaborassem coletivamente modos de falar sobre suas vidas, seus territórios e suas experiências. O cinema tornou-se, assim, uma oportunidade para exercitar formas de escuta, convivência e produção coletiva de sentidos.

Por fim, a experiência permite reafirmar a necessidade de sustentar, nas escolas públicas, espaços de criação que escapem às lógicas exclusivamente instrumentais que têm marcado grande parte das políticas educacionais contemporâneas. Em tempos de intensificação dos mecanismos de controle, padronização curricular e mensuração permanente dos processos educativos, as criações com cinema revelam a importância de defender práticas que ampliem a sensibilidade, a imaginação e a capacidade de narrar o mundo a partir de outras perspectivas.

Talvez a principal contribuição desta experiência esteja justamente naquilo que ela não conclui. O filme não encerra uma história sobre São Pedro, tampouco oferece uma representação definitiva do território. Como os rios que atravessam as reflexões de Ailton Krenak (2022), as imagens seguem seu curso, encontram novos caminhos e continuam produzindo efeitos para além do momento em que foram criadas. Permanecem abertas às interpretações, às lembranças e aos encontros que ainda estão por vir.

Desse modo, estas considerações flutuantes não desejam encerrar a travessia, mas seguir navegando com ela. As criações com cinema na escola revelam sua força como gesto de invenção coletiva, produção de mundos possíveis e afirmação da vida. Afinal, como ensinaram as estudantes em *São Pedro por Elas*, contar um lugar é também deixar-se contar por ele, participando da criação de outras imagens, outras narrativas e outras formas de habitar o comum. Pode ser que aí resida uma das potências do cinema na educação: cultivar, em meio aos esgotamentos do presente, pequenas experiências de encantamento capazes de manter viva a continuidade da Terra em nós, adiando, ainda que por instantes, os fins de mundo que insistem em nos rondar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Amylton de. **Lugar de toda pobreza**. Vitória: TV Gazeta, 1983. Filme documentário.

ANDREATTA, Graça. Entrevista citada em: FERREIRA NETO, João Leite; NUNES, Mônica de Oliveira. História de uma região e invenção de um bairro: a Grande São Pedro em Vitória (ES). **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 115-124, 2012.

BECKHANN, Johnny; FICER, Karina. **Lugar que vive em mim**. Vitória, ES: Instituto Marlin Azul, 2012. Documentário. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=RdBWBXkqFbA. Acesso em: 20 jul. 2026.

CARVALHO, Janete Magalhães. **O cotidiano escolar como comunidade de afetos**. Petrópolis: DP *et Alii,* 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução Ana Lúcia de Oliveira *et al.* 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. v. 1.

FERNANDES, Nathan Moretto Guzzo. **Criações com cinema**: potências do sensível na educação. 2026. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2026. Orientadora: Janete Magalhães Carvalho.

FERREIRA NETO, João Leite; NUNES, Mônica de Oliveira. História de uma região e invenção de um bairro: a Grande São Pedro em Vitória (ES). **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 115-124, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

SAMAIN, Etienne (Ed.). **Como pensam as imagens**. Editora da UNICAMP, 2012.

SOARES, Kalianna Tolentino Lenzi. **Muito mais que paraíso**. Vitória, ES: Projeto Inventar com a Diferença, 2020. Filme-carta. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ITv2pFZieTY. Acesso em: 20 jul. 2026.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **O futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Bertrand Brasil, 2012.

MIGLIORIN, Cezar. O dispositivo como estratégia narrativa. *In:* MIGLIORIN, Cezar (org.). **Teorias do cinema contemporâneo**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2005.

OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado de. O que seriam as geografias de cinema?. **Revista Txt: Leituras Transdisciplinares de Telas e Textos**, v. 1, n. 2, p. 27-33, 2005.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015. p. 52-53.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Encantamento**: sobre política de vida. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

SIMONETTI, M. G.; ALVES, G. S. Subjetividades da dor: lugar de toda pobreza, de Amylton de Almeida. **Domínios da Imagem**, v. 8, n. 15, p. 100-115, 2014. DOI: https://doi.org/10.5433/2237-9126.2014v8n15p100. Acesso em: 20 jul. 2026.